

# O MURMURIO.

PERIODICO LITTERARIO E INSTRUCTIVO.

(PROPRIETARIO—A. P. DE S. PEDERNEIRA.)

N.º 22

NOVEMBRO 15.

1856.

## DAS CEREMONIAS QUE OUTR'ORA SE PRATICAVAM NAS MORTES DOS NOS- SOS REIS.

**H**AVIA costume antigamente em nos-  
so Portugal, deduzido desde o tem-  
po da gentildade, tanto que morria  
alguem, ajustarem a preço certas mu-  
lheres, chamadas pranteadeiras ou cho-  
radeiras, para virem assistir aos defun-  
tos, e acompanhá-los até á cova, cho-  
rando e pranteando sobre elles. Por es-  
ta cerimonia começava a demonstra-  
ção do sentimento; e quando a pessoa  
era real, executava-se com muito maior  
excesso e maior numero de pranteadeiras  
ou carpideiras, as quaes entre as lagrimas  
e os gemidos misturavam louvores do de-  
funto: e se era rei, diziam d'elle o  
bom tratamento que fizera do seu po-  
vo; que o não vexára com tributos;  
que introduzira um tanto dinheiro no  
thesouro, acrescentando mais sobre o  
que herdara; e com estes, e outros  
elogios, gritando e soluçando, faziam  
mais luctuoso aquelle regio funeral,  
(Monarch. Lusit., Liv. 19 cap. 44. e  
Liv. 22. cap. 52).

Assim consta que se fizera no en-  
terro d'elrei D. Diniz, e no d'elrei D.  
Fernando, (Monarch. Lusit., Liv. 19.  
cap. 44 e Liv. 22 cap. 52); até que  
no tempo d'elrei D. João 1.º fez o se-  
nado da camara de Lisboa extinguir  
similhante costume. (Monarch. Lusit.  
Liv. 19. cap. 44. e Liv. 22 cap. 52);  
conservando-se porem ainda até o tem-  
po d'elrei D. Manoel o luto de burel  
branco, porque o primeiro luto negro  
que se usou n'este reino, foi o que se  
vestiu na morte de D. Philippa, tia d'el-  
rei D. Manoel, (Soares da Silva, Mem.

d'elrei D. João 1.º, n.º 153). Isto sup-  
posto, tanto que fallecia algum dos  
reis portuguezes, despachavam-se logo  
correios para as comarcas do reino, e  
com a tal noticia se levantavam nas  
cathedraes, e parochias tumulos de ma-  
deira, cobertos de lucto, para se fa-  
zerem os officios e funeraes, dobran-  
do ao mesmo tempo os sinos.

Depois sahia, em dia determina-  
do, da casa do senado a comitiva se-  
guinte: = a principal pessoa ia a ca-  
vallo vestida de lucto, e levava uma  
bandeira negra ao hombro, a qual ar-  
rastava até ao chão, e com o mesmo lu-  
cto e da mesma sorte o seguiam os  
tres vereadores d'aquelle anno, acom-  
panhados de toda a nobreza, e assis-  
tidos de tres ministros, que lhes leva-  
vam tres escudos pretos. E caminhan-  
do para a parte mais publica do lugar,  
onde já estava prevenido um estrado  
com alguns degrãos, coberto tudo de  
panos negros, subia-se n'elle o primei-  
ro vereador, com um escudo preto nas  
mãos e voltando-se um preguiro para o  
povo, dizia tres vezes em voz alta: — *ou-  
vide, ouvide, ouvide*. Logo o primeiro  
vereador dizia estas palavras, que le-  
vava escriptas: *chorai, povo; chorai a  
morte do vosso rei, que vos governou  
com justiça e amor de pae*. E subindo  
o escudo sobre a cabeça, o deixava  
cahir em terra e se quebrava. Com as  
mesmas circumstancias se repetia a  
mesma cerimonia pelos outros vere-  
adores, levantando ao mesmo tempo o  
povo grandes clamores e prantos. De-  
pois caminhavam para a igreja, na qual  
assistiam ao funeral, que tambem se  
fazia com aquella expressão de pena e  
dor que merecia a grandeza da per-  
da. Veja-se a Damião de Goes, Gar-  
cia de Rezende, e outros chronistas  
antigos, que tudo descrevem com miu-  
deza.

victoria, e escollado pelos caçadores no meio da musica militar, e das descargas dos fusileiros. Quinze dias depois fiquei curado das minhas feridas, e jurei ser para o futuro mais prudente; o que até hoje tenho cumprido á risca,

(Do Asiatic Journal.)

Em o n.º antecedente deste jornal, annunciámos que tinha mos recebido um artigo do snr. J. F. M. e S o qual não foi publicado por falta de espaço; mas vai agora publicada parte delle, neste n.º, e será concluído no seguinte.

## ONTOLOGIA.

### RESPOSTA

Ao juizo critico do snr. J. N. Seixas,

PUBLICADO

No Jornal — a Instrução Publica  
N.º 33

*Para triumphar en la discusion  
no basta afirmar.*

Balmes.

*Filos. Fund. T. 2. L. Noven. cap. 21.*

Deve a critica philosophica ser esteiada com razões e provas que, legalmente e com evidencia, auctorizem o juizo que se profere sobre a verdade, ou falsidade, de qualquer doutrina, ou enunciado.

Provar, por meio de argumentos indeductivos, aquillo que se pertende inculcar, como verdadeiro, é um dever do philosopho que não pode omittir, sem censura; e quando este, a sós com asserções e sem provas, se propõe stygmatisar doutrina, documentada racionalmente, não só não cumpre o dever de philosopho, mas até nos denuncia ás claras o unico desejo de destruir, sem combater.

Fraqueza alheia d'um espirito philosophico; ou inimiga parcialidade que se não caza com a rectidão logica,

Não queremos com esta reflexão, que alias é de todos, e não só nossa, offender, nem levemente, o snr. Seixas que tanto respeitamos, e que a todos merece estima e consideração.

Deixemos de lado as susceptibilidades que não devem entrar na arena; e sejam somente

de força para nós as razões e os argumentos da critica, os quies não podem deixar de ser avaliados, in lepon lentamente, de personalidades.

Se o homem só devesse aceitar, sem exame, o juizo de qualquer critico, eminente em saber e intelligencia, então cumpria callarmo nos; mas com a razão d'um homem, ainda que aperfeiçoadissima, não escraviza a razão dos outros, e só pode attrahila, por meio da convicção e do raciocinio, então descerramos os labios; por que, em verdade, não ha, no juizo critico do snr. Seixas, aquella convicção, que só deve deduzir-se de provas e argumentos feitos com exactidão e justeza.

Mas vamos analysar o que disse o snr. Seixas; e deixando o preambulo do seu juizo critico, principiemos, desde já, pelo que respeita á doutrina.

« As doutrinas do snr. Pinheiro (diz o snr. Seixas) não contem na nossa humilde opinião os erros que lhe attribue o auctor das reflexões.

O primeiro ponto, por elle censurado, é a chamada d'feiçãõ do — ente — e é a seguinte: (Noções elementares d' Ontologia, pag. 14) Chama-se ente, ser, objecto, cousa, tudo o que existe para a nossa intelligencia, ou seja uma substancia, ou uma qualidade, ou modificação de substancia, ou simplesmente uma relação.

O snr. Pinheiro tomou a sciencia da Ontologia não na sua realidade objectiva, mas na sua referencia subjectiva, isto é, como uma abstracção do espirito humano e a elle proprio referida; collocou o espirito como um observador no centro do grande horizonte da sciencia; d'ahi formou o seu mundo ideal, colhendo, filiando, systematisando as ideias como se lhe offereciam; usou d'um direito seu, que seus adversarios não devem, nem podem disputar-lhe »

Eis ahi o primeiro e principal ponto do juizo critico que o snr. Seixas proferiu a pró do snr. Pinheiro.

Este ponto capital d'onde, a olhos vistos, depende a resolução da polemica sobre — ente e causa — afirmou-o s. s.ª, sem o provar como era do seu dever.

Cumpria-lhe demonstrar, que, na realidade, se deprehenie de varios logares da Ontologia do snr. Pinheiro, ter este snr. adoptado esse methodo, e seguido esse modo de formar o mundo á sua feição; e não deduzir isto somente do logar questionando; porque dest'arte, claro é que se vai contra os preceitos da boa dialectica.

Na corte se fazia este acto com maior pompa, porque ao alferes da cidade pertencia levar a bandeira, aos vereadores varas pretas nas mãos, e dous juizes de crime, e um do civil o levarem sobre a cabeça os tres escudos, os quaes pela referida ordem se quebravam assim: o primeiro no taboleiro da Sé, o segundo no meio da rua nova, o terceiro no Rocio, (Monarch. Lusitan., Part. 7 Liv. 5.º cap. 1, Faria, Europ. Portug. T. 2. Part. 1. cap. 6).

As maiores demonstrações de sentimento, que n'este reino se tem feito por pessoas reaes foram as que se viram na morte do principe D. Affonso filho d'elrei D. João 2.º: refere-as por extenso Garcia de Resende, (cap. 131 e 133) porem as de maior formalidade e pompa foram as que se executaram no enterro d'elrei D. João 1.º, vindo-se a concluir tudo nas breves, e verdadeiras clausulas d'esta sentença, (Drexilio, no Prodom. A Eternitat., cap. 3 §. 3.º n.º 4):

Tot nundi principes tanta potentia,  
In ictu oculi clauduntur omnia.

C. D. M. P. D.

## DA CAÇA DOS ELEPHANTES.

(Continuado do n.º 17.)

Havia já um pouco que ouviamos outro bramido da banda do bosque, correspondendo aos do moribundo, quando de repente vemos apparecer a elefanta que me havia mal tractado. Seu olhar inquieto, seus passos incertos e precipitados, davam mostra do cuidado e interesse que n'ella excitava o lastimoso estado, do elefante ferido. Segundo parece, os outros caçadores tinham feito sahir do bosque uma familia inteira, composta de quatro individuos, a saber, as crias, ou dous elefantes pequenos, e o macho e a femea, seus pais. Logo que esta viu a seu companheiro tam mal parado, correu a fazer sienta ás balas, e a escudal-o com o seu corpo, apezar das repetidas descargas, e da profunda ferida que ella havia recebido no lenço. Esteve soffrendo nosso fogo mais de dez minutos: acariciava a seu desgraçado companheiro, fazendo esforços para levantá-lo com a sua tromba, e levá-lo ao bosque;

pois de tarde, pois d'alli a pouco o vimos cahir morto. Mas nem porisso cessou o cuidado da sua companheira, que ainda procurava reanimá-lo, introduzindo-lhe na bôca a extremidade da sua tromba. Finalmente vendo frustradas as suas esperanças de o tornar á vida, e summamente debilitada pelas suas numerosas feridas começou a dar uns bramidos tam agudos, e tam expressivos, que muito e muito me commoveram. Talvez era eu o unico que d'ella me compadecia; pois os meus companheiros, encarniçados, continuaram atirando contra ella, até que por fim, ferida mortalmente cahiu ao lado, do seu companheiro, por quem havia dado mostras de tam vivo interesse.

Logo que a viram cahir os caçadores, romperam em alegres aclamações, sem reflectirem quam caro lhe tinha custado este triumpho. Approximaram-se depois a seus inimigos já mortos, ficando meu irmão em minha companhia. A estatura dos dois elefantes era agigantada; pois o macho tinha nove pés d'altura, e a femea oito e quatro pollegadas: ambos pareciam já vellos. Asseguraram me que os seus corpos estavam atravessados com mais d'oitenta ballas; e depois vi correr outros elefantes com velocidade, ainda que levavam egual numero de feridas, resistencia que admira na verdade; se bem que é certo que muitas ballas se acham n'aquelles formidaveis ossos, ficando entre elles e a pelle. Em breve se reuniram todos os caçadores aos eccos da musica marcial do regimento, ainda que logo se interrompeu a alegria com o apparecimento dos dois elefantes pequenos, que sem duvida acudião a defender a sua mãe. Felizmente alguns tiros bastaram para fazer fugir aquelles animaes ainda novos e sobre tudo mui timidos.

Os Hottentotes fizeram em pedaços os elefantes mortos, cuja carne comem fresca ou salgada; os nossos soldados reservaram para si a gordura, a pelle, e os tres dentes, pois, como disse, a elefanta não tinha mais que um: levando tudo em triumpho a casa do major Pringle, o qual tinha disposto a caçada. No dia seguinte teve este a attenção d'enviar me o dente da elefanta que me tinha ferido; e eu o conservo como uma alfaia preciosa. Depois, enviou-se a Inglaterra o esqueleto dos dois elefantes, com destino sem duvida a algum gabinete anatomico.

E assim acabou a minha expedição; e a tropa fez as honras funebres ao soldado Mac-Clean no mesmo sitio onde elle havia morrido: e eu fui levado por quatro Hottentotes a Friedericksbourg, precedido pelos despojos da

N'um tratado systematico, onde reina a boa disposição e o methodo, é facil, quer por via do contexto, quer por via das consequencias, atinar com os genuinos principios d'onde o auctor extrahiu, como deducção, o seu systema; e o ver-se, egualmente, o signal caracteristico d'esse mesmo systema; e isto quando o auctor abertamente o não declara.

Este exame, sobre qualquer obra que se pretende refutar, é indispensavel; e quando o refutante o não fez, e isto se collige do seu tratado, pode e deve alcunhar-se de sophista, ou parologista, segundo a ignorancia, ou má fé que determinou aquella omissão, em todo caso censuravel.

Estes preceitos tivemos-os á vista, quando escrevemos as nossas Reflexões; e isto se collige e deduz (em quanto ao *ente*) do que dizemos no *Summario e art. 1.º da Secção Primeira*; e o Sr. Seixas não fez assim; porque, querendo expender o seu juizo sobre a Ontologia do sr. Pinheiro e as nossas Reflexões, estabeleceu, ou antes enunciou duas proposições contestadas, e refutadas ja no nosso opusculo.

Assim é; porque diz o sr. Seixas que o sr. Pinheiro tomou a Ontologia na sua *referencia subjectiva*, e não na *realidade objectiva*; e que, n'esta parte, usára d'um *direito* que ninguem podia, nem devia disputar-lhe.

Note-se, porem que isto foi *sò dicto*, e não foi provado.

E nós no *summario* da 1.ª secção dizemos: *Se chamamos ente só aquillo que existe para a nossa intelligencia, e não a tudo o que tem existencia, pervertemos a linguagem philosophica litteraria e grammatical, e esmagamos e calcamos aos pés o caracter essencial das noções e principios ontologicos, isto é, a universalidade; porque o ente designa tudo quanto tem existencia. Mas nem o sr. Pinheiro (n.º 3.) podia chamar ente só aquillo que existe para a nossa intelligencia, e consequentemente, empregar o ente n'uma acceção restricta (eis aqui a referencia subjectiva); nem tambem o sr. Pinheiro, de facto, empregou o ente n'essa acceção restricta; mas sim n'uma acceção universal, abrangendo tudo aquillo que existe, ou tem existencia; como vamos fazer ver no artigo primeiro.* Note-se que isto foi dicto, e foi provado, como se pode ver no referido *art. 1.º da Secção 1.ª*

Aqui temos, por consequencia, que o juizo critico do sr. Seixas é, n'esta parte, deficiente; porque estabelece duas proposições que nós refutamos no nosso opusculo. O sr. Seixas diz que o sr. Pinheiro deu á noção

do — *ente* — uma referencia subjectiva, e que ninguem lhe podia ir á mão. porque estava no seu direito; e nós provamos que não podia tomar o *ente* n'uma acceção restricta, dando-lhe uma referencia intellectual, ou subjectiva. isto é, designando somente, ou antes, abrangendo só aquillo que existe para a nossa intelligencia; e que de facto, tal acceção, tal referencia, não se colligia de varios logares da mesma Ontologia, onde a palavra *ente* é empregada em toda a extensão objectiva: logo ou na Ontologia do sr. Pinheiro, não ha methodo, não ha ordem, e ha contradicção em ser tomado o *ente*, aqui n'um sentido, e alem n'outro sentido; ou então, se o logar questionado deve ser interpretado pelos outros mais claros, já se vê que é exactissima a consequencia que extrahimos no *art. 1.º da 1.ª Secção*.

Mais:

Quem ha abi que não tenha por verdadeiro o que levamos dicto, lendo, no fim da Ontologia do sr. Pinheiro, os tres caracteres que, indispensavelmente, devem revestir as idéas Ontologicas? O sr. Pinheiro diz claramente, que o caracter de *realidade, unidade, e universalidade* deve ser applicado ás idéas *universaes e absolutas d'ente, substancia, causa etc*; e que são estas *ideas universaes*, consideradas em si, as que fazem o objecto da Ontologia. Aqui temos, em bem poucas palavras, resolvida a questão. As idéas ontologicas devem ser consideradas em si mesmas, e devem ser *universaes*. Se devem ser consideradas em si mesmas, ja se vê, que o seu caracter é perfeitamente absoluto; e, se devem ser universaes, vê-se tambem que esta universalidade não se refere á sua comprehensão, mas sim á sua extensão objectiva, e esta total, e não relativa ou especial. D'est'arte, o caracter absoluto torna a idea isolada, abstracta e independente de qualquer objecto; e o caracter universal determina a extensão ou referencia da mesma idéa. E' claro, por consequente, que a referencia subjectiva, ou relativa, repugna com o caracter absoluto e universal da idéa ontologica: e o emprêgo practico da palavra *ente*, na Ontologia do sr. Pinheiro, confirma a sua propria theoria. (Veja-se o nosso *art. 1.º da 1.ª Secção*.)

D'aqui deduzimos que o caracter theorico da Ontologia do sr. Pinheiro é perfeitamente absoluto e universal; e que o emprêgo practico da palavra — *ente*, *ser* etc. em varios logares da sua Ontologia, revela, claramente, aquella universalidade: mas como a noção questionada deve ser julgada pelo caracter theorico geral, e pelo emprêgo practico d'essa mesma noção, no decurso e contexto da obra, já se vê

por consequencia, que é inexacto o que diz o snr. Seixas, e verdadeiro o que escrevemos nas nossas *Reflexões*.

Não sendo exacto, portanto, o que diz o snr. Seixas, sobre o caracter essencial da Ontologia do snr. Pinheiro, escusado é agora dizermos muito, sobre a segunda parte do primeiro ponto do juizo critico de s. s. — Se o snr. Pinheiro tivesse, realmente, em vista o idealismo puro, ou o obscurantismo transcendente de Kant, então insistiríamos na segunda parte, provando que tal direito de seguir este, ou aquelle systema, independentemente da sua verdade ou falsidade, ninguem o tem.

Mas como o caracter geral da Ontologia do snr. Pinheiro não é verdadeiramente esse, diremos só duas palavras, sobre o tal direito.

Poderá, snr. Seixas, um professor seguir, abraçar, ensinar um methodo, um systema que por fim apresente consequencias absurdas, e ruinosas? Poderá o philosopho encaminhar-se a si e aos outros para o precipicio, e para o erro? Entendemos que não; porque a verdade é o principal fim do philosopho; e quando o methodo, ou systema que elle adopta, não o leva direito áquelle fim, e o encaminha, antes, pelo rumo opposto, deve esse methodo ser, para logo, deposto, e seguido outro que para alli o conduza; por isso mesmo que os meios devem ser conlucentes ao fim.

Se, pois, é inexacto o que diz o snr. Seixas sobre a referencia subjectiva, e sobre o direito alludido; segue-se que ficam em pé as nossas duas proposições, provadas no art. 1.º do nosso folheto, e aqui tambem analysadas; e por consequencia, todas as deducções que d'ellas extrahimos: assim como fica sendo inexacto o que pelo contrario diz o snr. Seixas a tal respeito; isto é sobre *ente e a primeira parte da noção de causa*.

(Continúa)

*Jssé Ferreira Marnoco e Sousa.*

## ROMANCES

RAMIRO.

NO ALCAÇAR.

(Continuando do n.º 21)

Havia poucas horas que o manto escuro da noite descera sobre o castello de Porto-de-

Moz, que se erguia gigante sobre a coroa d'um tezo. O silencio profundo que alli reinava apenas era interrompido pelo passear lento do atalaia que estava no Adarve da torre de menagem; lá dentro dessa torre, n'uma salla espaçosa illuminada apenas pela mortica luz d'uma alampada que ardia diante de uma imagem da virgem de Nazareth, commodamente embuçado n'um tabardo, sentado n'um banco de espaldar, estava o valente Fuas Roupinbo; junto d'elle, sentado n'um grosseiro escanho de carvalho, com a frente apoiada no hombro do velho guerreiro, estava a sua filha Elvira. Que formosa esta donzella não era! parecia a imagem da innocencia outrora pintada pelo immortal Raphael. A sua estatura era regular, o seu talhe magestoso e cheio de nobreza, a fronte espaçosa e alva como a neve, a tez das faces mimosa e rosada, os olhos... ai que lindos olhos! eram castanhos; mas nem todos os olhos castanhos são assim, nem todos são languidos e meigos como aquelles erão, nem todos sabem dizer o que aquelles diziam, nem todos podem inspirar o que aquelles inspiravam. Eram bellos quando se moviam, morbidos e cheios de uma melancholia suave; eram bellos tambem quando animados de alegria, eram mais bellos ainda quando nelles brilhava o fogo da paixão. Aquelles olhos eram dos taes que fallavam: e que couzas elles diziam!... A bocca pequena e bem talhada, aonde quasi sempre brincava um sorriso innocente e meigo, fazia morrer de inveja a Phyrne, longas madeixas de cabello negro cahiam-lhe com desdemonos marmoreos hombros, uma comprida tunica de matiz lizo escondia o esbelto corpo, escondia-lhe o seio de jaspe, escondia-lhe a cintura delicada e flexivel, e apenas deixava ver as mãos d'uma alvura extrema com uns dedos cor de roza desmaiada; por de baixo da tunica apparecia um pantufo de terçoepello branco que occultava o pé mais pequeno, formoso e delicado que se pode imaginar.

Elvira parecia o genio da belleza que desceu á terra envolto na humana forma! E que bom coração ella não tinha! tão docil, tão meigo! tão sensivel!... Ovi as respostas que ella dava a seu pae que a interrogava a cerca do seu futuro della, e por ellas conhecereis o fundo daquelle coração.

— Elvira, dizia o exforçado vencedor do Gamir, minha boa filha, tu bem sabes a amizade que te tenho; tu bem sabes que se eu pudesse, conquistava todo o mundo, collocavate n'um throno e depois diria aos homens: prostrai-vos e beijai a mão a minha filha que ella é a vossa rainha. Tudo, tudo por ti faria minha Elvira, mas tu bem conheces que nada

posso fazer mais do que ser o teu amparo nes-  
te alcantil chamado a vida, tenho-o sido; mas  
agora não sei que intimo presentimento me  
diz que este fraco arrimo a que te encostavas  
vae acabar-se, é-te pois necessario um outro.

— Porque me fallaes assim meu pae? !  
affligis-me tanto! vós haveis de continuar a ser  
o meu amparo como atégora o tendes sido;  
não, vós não moirereis, primeiro, muito pri-  
meiro que vós heide eu morrer... e si de  
mim se vos sobrevivia.

Não, filha, eu não vivo muito — E o  
velho depois de dizer estas palavras imprimiu  
um beijo na fronte de sua filha, e duas grossas  
lagrimas escorregando-lhe pelas barbas enca-  
cidas, foram cabir nas faces de Elvira que  
tam bem não pôde suster o pranto.

— Concedeu-me El-Rei que eu fosse pro-  
curar o leão no seu antro; alcancei licença de  
D. Affonso para ir bater á primeira porta d'A-  
frica, para ir debaixo dos muros da orgulhosa  
Ceuta e dizer aos intieis, aos filhos do Pro-  
pheta: sahi e batalhai. Apraz-me a lembrança de  
que vou combater com os perros descridos,  
apraz-me muito, mas atravez dessa alegria  
eu descubro um não sei que, que me diz:  
que nesta refrega vou bucar a morte...  
Oh! mas a morte que importa quando na ter-  
ra fica um nome illustre? nome que as gera-  
ções futuras repetirão com entusiasmo e res-  
peito? que importa a morte quando ella é por  
Deus e pela patria? olha minha filha, eu não  
tenho ouro, nem ricas alfaias que te possa le-  
gar, lego-te porem outra cousa de mais subi-  
do preço: lego-te um nome cheio de gloria,  
e nem sequer um pequeno laivo de desloura  
que tnodee esta gloria... E-me preciso  
ligar te a um homem que saiba ver em ti a  
filha do primeiro Almirante portuguez, um  
homem que saiba conhecer as tuas virtudes,  
um homem que te saiba estimar como tu mere-  
ces; esse homem parece-me que o encontrei;  
já desde o berço eu te tinha destinado para  
elle. Ora dize tu amas Gonçalo?

— Se o amo!... muito, meu pae, mui-  
tissimo, amo-o já desde a minha infancia.

E desejas ver a tua vida ligada á delle.  
Oh! se desejo!..

Pois bem minha filha: antes que o sol  
allumie quatro veses este alcaçar tu serás es-  
posa de Gonçalo.

(Continúa.)

*Desfim Maria.*

## POEZIA SACRADA.

Debaixo d'este titulo publicamos uma tra-  
duccão, em verso, que pedimos ao seu auctor  
para ser impressa n'este jornal.

É o cantico o mais antigo de todos quan-  
tos hoje existem; é o cantico de Moyses, en-  
dereçado por este, e pelos filhos d'Israel, ao  
Deus do raio e do trovão, depois da milagro-  
sa passagem do mar vermelho.

E quem é o traductor d'este cantico? É  
o traductor do Eliezer.

Julgamos ter dicto tudo, dizendo isto—  
Embora ignorante palhaço, ou rude jagodes  
em litteratura se julgasse com força para der-  
recar o que disseram sinceramente em Hercu-  
lano, um Garrett, um Castilho, e um S. Luiz.  
A homens d'este lote nem se quer o tal jago-  
des se atreva a desatar-lhe a corréa do sapato.

## CANTICO DE MOYSÉS.

Em acção de graças, depois da passagem do  
mar Vermelho. Acampamento em Mara, onde  
Moyses adoçou as aguas.

Exod. cap. 15 v. E.— 19.

Cantemos ao Senhor, forte, grandioso,  
Que em nosso pró se demonstrou magnifico,  
E arremessou ao fundo desses mares  
Cavallo e cavalleiro.

E' o Senhor minha força, digno assumpto  
Da minha gratidão, dos meus louvores;  
Foi elle quem se fez meu guia e guarda,  
Quem me salvou da morte.

Meu Deus é elle só; hei de grandiloquo  
Celebrar suas glorias e triumphos;  
Deus de meu pai, hei de hoje agradecido  
Exaltar suas pompas.

Contra os meus inimigos foi guerreiro,  
A cuja dextra tudo verga, e nunca  
Para as forças medir-lhe houve compasso:  
Seu nome é Omnipotente.

De Pharaó carroças e phalanges  
Precipitou n'um golphão: de seus principes  
A flor, os mais notaveis, submergidos  
No rubro mar lá foram.

Sepultos nos abyssos — ahí, qual pedra,  
Ao fundo foram dar: tua dextra rubida  
Se abalidou, Senhor, brilhante em forças,  
Ferindo inimigos tantos.

Co'a vasta multidão de tuas glorias  
Teus adversarios deposeste, e irado  
Sobre elles fuminaste acesa colera,  
Que os devorou, qual palha.

Do teu furor ao rijo sópro as aguas  
Se amontoaram, a corrente fluida  
Parou, e comprimiram-se os abysmos  
No meio d'altos mares.

Dizia Pharaó: segui-los hei-de,  
Colhe-los, repartir o espolio, e n'alma  
Ficarei farto: meu despido ferro,  
Meu pulso ha de extingui-los.

Porem, mal rompe um sopro teu, que prestes  
O mar os enguliu: submersos todos,  
Como chumbo, cahiram, baqueáram  
No mais fundo das aguas.

Quem, Senhor, quem ha hi d'entre os mais fortes,  
Que te semelhe? a Ti tres vezes sancto,  
Que es Deus terrivel, Deus adorabundo,  
Feitor de taes prodigios?

Pesada mão sobre elles, sobre os impios,  
Irritado estendestes: abertos mares, *ditte*  
Engulindo-os em negro sorvedoiro,  
Lá os tragou a terra.

Foste, ó Deus de clemencia, foste o guia  
Da grei que redemiste; generoso,  
Forte, a levaste á estancia, que elegeras  
Sacra morada tua.

Povos se ergueram, iras desdobraram,  
Contra o benigno intento: a alma invejosa  
Dos Philisteus, ao ver tal patrocínio,  
Raivou, de dor torceu-se,

Os principes d'Edom se confundiram,  
Valentes de Moab cobraram sustos,  
E os Chananeus, descorçoados, frios,  
Todos estremeçeram.

Caia, Senhor, sobre inimigos tantos,  
Caia o medo, o pavor; temam, e tremam,  
A' vista das proezas do teu braço,  
Teu braço omnipotente!

Tornem-se como a pedra, immoveis, quedos,  
Até que o povo teu, Senhor, transite,  
Transitem filhos teus, povo querido,  
Que é teu dominio, e posse.

E tu, Senhor, alli introduzil-os  
Has-de, e assental-os na montanha sancta  
Da herança tua, na mansão firmissima  
Que alli te preparaste;

No Sanctuario teu, Senhor, que augustas  
Mãos tuas construíram. Gloria, gloria  
A Deus — Senhor, que ha de reinar eterno,  
E alem da eternidade!

Que em fim, se Pharaó montado, e os coches,  
E os cavalleiros seus no mar entraram,  
Sobre elles todos o Senhor as aguas

Do mar fechou, sumiu-os,

Sumiu os nesse abysmo, aniquilou-os ;  
Mas nós, os filhos de Israel sem risco,  
Atravez desses mares caminhamos;  
A pé enxuto, incólumes.

## FILINTO NO EXILIO.

*Ao meu intimo amigo J. J. d'Almeida Braga.*

Os fracos se lastimam, tu Filinto,  
Rei sem throno sorris para a desgraça  
Com generoso orgulho.

(Lamartine — tradução de F.)

Quem me dera um só momento  
Na minha terra natal;  
Noite e dia o pensamento  
Me esvoaça em Portugal;  
Nessa terra tão formosa,  
Como a açucena mimosa  
Quando é cheia de verdor,  
Nessa terra de belleza,  
Onde fulge a natureza  
Toda incantos, toda amor.

Portugal, patria querida,  
Linda terra onde eu nasci;  
Tenho saudades da vida  
Que no teu seio vivi!  
Tão leda magica idade,  
Tão risonha mocidade  
Eu jámais olvidarei.  
Que bellos formossos dias,  
Que singellas alegrias  
Na minha patria gozei!

O' patria, patria adorada,  
Só tu és o meu amor:  
Foi por Tasso idolatrada  
A tão formosa Leonor;  
Esse grande poeta, o Dante  
De Beatriz foi amante;  
A Natércia amou Camões;  
E Petrarcha o desditoso  
Junto a uma fonte saudoso  
Manda a Laura mil canções;

Mas Filinto apenas ama  
A sua terra — Portugal,  
A patria que foi do Gama  
Do Pacheco, do Cabral,  
E' a patria os seus amores,  
Por ella mil dissabores  
No exilio soffrido tem,

Mas Filinto ainda proscripto,  
Da sua patria maldicto,  
Ama a patria e mais ninguem.

O grande Ovidio exilado  
Lamenta seu existir,  
Entre os Getas desterrado  
E' constante o seu carpir,  
Mas elle chora incessante,  
Por que de Roma distante  
Corina não pode ver.  
E Filinto apenas chora  
Por a patria que n'out' rora  
O tinba visto nascer.

Mas a patria, desgraçado!  
A patria pagou-lhe mal!  
Por amor tão acendrado  
Votou-lhe odio figadal!  
Ingrata, perfida gente,  
Esquimos la do Occidente,  
Filinto que mal vos fez?  
Por ventura em algum dia  
O Filinto deixaria  
De ser leal Portuguez?

Não amou elle a grandeza  
Da mais forte das Nações?  
Deturparia a belleza  
Da linguagem do Camões?  
Oberon, tu por uma falla  
Diz o que esta lingua calla.  
Fallai, Martyres, tambem;  
Demonstreae a esses Getas  
Que tiveram dous poetas  
Camões, eu, e mais ninguem.

Maldicta, maldicta a terra  
Que me deu a proscricção,  
Que proclama ao genio guerra!  
A tal patria maldicção.  
Mas... que disse!... desgraçado.  
Pobre velho attribulado  
Tua lingua que soltou?!  
Foi atroz o teu delirio!  
E' bem grande esse martyrio  
Que taes fallas te arrancou!!

Bem bajas, patria adorada,  
Tu que me viste nascer;  
Minha bocca ainda gelada  
Sempre te hade bem dizer;  
Patria, patria querida,  
Serás sempre nesta vida  
Tu serás o meu amor?  
Desterraste-me, que importa?  
Minha lingua viva, ou morta,  
Dirá sempre o teu louvor.

*Delfim Maria*

Explicação da charada do n.º antecedente.

**= CUMIADA. =**

**CHARADA.**

Assim tal qual não valho nada,  
Não me podes assim adivinhar,  
Junta-me = ta = e então na foz do Nilo  
Com certeza me podes procurar.

Em mim tudo fenecer, acaba tudo  
O que não tem o dom da eternidade;  
Nunca pode passar de mim ávante,  
Ou tenta curta vida ou longa idade.

**CONCEITO.**

Quando Humbert a Phillippe rei de França,  
Todos os seus estados lhe legara,  
Aquella obrigação que lhe imposera  
Este nome que tenho originara.

E quem me não puder adivinhar,  
Vame á rua do Anjo procurar.

*Almeida Braga*

**NOTICIA DO VALOR, QUE TEM TIDO O MARCO DE OURO E PRATA N'ESTE REINO IM VARIOS GOVERNOS.**

Reinado:	Metal:	Valor:
D. Sancho I.	Ouro	6:480
D. Pedro I.	"	7:380
"	Prata	945
D. Fernando	"	900
D. João I.	"	2:600
D. Affonso V.	"	1:280
D. Manoel	"	2:280
D. João III.	Ouro	30:000
"	Prata	2:600
D. Sebastião	"	2:400
"	"	2:680
D. Henrique	Ouro	40:000
"	Prata	4:000
D. João IV.	Ouro	42:240
"	"	51:200
"	"	55:680
"	"	80:000
"	Prata	3:600
"	"	4:000
"	"	5:000
D. Affonso VI.	"	4:400
"	"	4:600
D. Pedro II.	Ouro	85:312
"	"	95:000
"	"	5:600
D. João V.	Ouro	96:000
"	Prata	5:600

M. de P.